

A ESCRITURA HÍBRIDA DE PASCAL QUIGNARD EM *LES OMBRES ERRANTES*

Érica MILANEZE¹

RESUMO: Consideradas inclassificáveis pela crítica literária francesa, algumas obras de Pascal Quignard libertam-se das imposições de gênero para se situar nas fronteiras entre a prosa, a poesia, o romance, a narrativa, o ensaio e a música, formando narrativas híbridas que privilegiam o descontínuo e o inacabado. Desta forma, *Les ombres errantes* (2002), de Pascal Quignard, apresenta inúmeros fragmentos, compostos de pequenas notas, confidências pessoais, anedotas, comentários sobre arte, política, economia, etc., que aproximam o passado ao presente por meio das reflexões de uma voz poética, a fim de resgatar as sombras que a tradição cultural relegou em seu caminho. Em *Les ombres errantes*, a prosa e a poesia se mesclam em uma escritura híbrida, em que a história e a imaginação se entrecruzam no interior de um texto fragmentado.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea. Literatura francesa. Narrativa híbrida. Pascal Quignard.

Uma das características da literatura do final do século XX é o rompimento das categorias de gênero em proveito do híbrido, do heterogêneo e do descontínuo, levando às últimas conseqüências uma tendência que se anunciava desde a crise do romance no início do século. A escritura contemporânea tende a situar-se em um espaço dissociado e genérico, onde circula livremente entre a ficção, a autobiografia, a biografia, o ensaio, a prosa, a poesia, etc., além de promover o diálogo entre as várias formas artísticas – como a música, a pintura, o cinema – e do pensamento, o que possibilita uma reflexão entre o literário, o retórico, o sócio-histórico, o antropológico, o psicanalítico, etc. Segundo Viart (2004), a escritura contemporânea coloca-se no espaço “*entre-deux indécidable*”, em que

¹ Doutoranda em Estudos Literários. Bolsista CAPES. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – emilaneze@bol.com.br

dialoga “[...] *doublement avec une culture qu’une certaine modernité programmatique avait coupée de son propre élan et avec ces autres efflorescences de la pensée que sont, depuis la fin du XIX^e siècle, les sciences humaines.*” Podemos dizer que a literatura procura, nos últimos decênios do século, questionar as divisões genéricas, ao mesmo tempo em que parece reformular as categorias pré-existentes por meio de múltiplas formas híbridas, que expressam uma combinação de vários traços genéricos heterogêneos reconhecíveis, que concernem tanto os gêneros literários instituídos quanto os gêneros do discurso.

Inseridas no contexto da literatura contemporânea, as obras de Pascal Quignard, consideradas inclassificáveis pela crítica literária francesa, exprimem uma mistura entre a prosa, a poesia, o romance, a narrativa, o ensaio e a música, compondo narrativas híbridas que privilegiam o descontínuo e o inacabado. Tal tendência esboça-se em seus textos críticos, que se apresentam no cruzamento entre a reflexão filosófica, o ensaio literário e a poesia, como demonstra a coletânea de fragmentos *Petits traités* (QUIGNARD, 1987), e em suas obras literárias como *Vie secrète* (QUIGNARD, 1998b), a meio caminho da narrativa e do tratado filosófico.

Neste contexto, Quignard empreende a publicação de *Dernier royaume*, obra que reúne até o momento cinco volumes, *Les ombres errantes* (QUIGNARD, 2002b), *Sur le jadis* (QUIGNARD, 2002c), *Abîmes* (QUIGNARD, 2002a), *Les paradisïaques* (QUIGNARD, 2005a) e *Les sordidissimes* (QUIGNARD, 2005b), formados por fragmentos de ensaios, de contos, de romances, de traduções e de poemas, em que alguns capítulos, frases ou idéias ecoam de um volume a outro, para abordar os mais diversos temas como o tempo, o espaço, o sexo, a morte, a política, a economia, a estética, a culinária, etc. Por meio de *Dernier royaume*, o autor busca juntar os planos da experiência que a tradição esqueceu de transmitir.

Ganhador do prêmio Goncourt, em 2002, *Les ombres errantes* (QUIGNARD, 2002b), primeiro volume de *Dernier royaume*, é constituído por notas, anedotas, confidências pessoais, comentários sobre arte, política e economia, que reúnem o passado ao presente por meio das reflexões de uma voz poética. Em *Les ombres errantes*, a prosa e a poesia se misturam em uma narrativa híbrida fragmentada nas fronteiras do histórico e da escritura. Observamos a presença de um narrador expresso pelo pronome *je*, que tece comentários acerca de vários assuntos de forma lírica, dentre os quais fatos históricos e anedóticos, resultantes das leituras efetuadas durante sua vida. Assim, adquire importância o ato de leitura, porque o material já lido se transforma em matéria de escritura:

Vieux livres Garnier bilingues latin-français devenus duveteux à force d'usage, d'âge, de soleil, de poussière. J'ai lu dans l'un de ces vieux livres des éditions Garnier que l'empereur Tibère exigeait – pour ranger les rouleaux d'images pornographiques dont il faisait collection – des cylindres entièrement jaunes et dépourvus de titulus afin que rien ne trahît la curiosité qui l'obsédait. (QUIGNARD, 2002b, p.10, grifo do autor).

Neste sentido, o narrador confessa sua atração pelos livros, “*L’attraction qu’exercent sur moi les livres est d’une nature qui restera toute ma vie plus mystérieuse et plus impérieuse qu’elle peut le sembler à d’autres lecteurs.*” (QUIGNARD, 2002b, p.10). Os livros parecem ser uma fonte de inquietações, pois ao tocá-los, a voz narrativa sente “*une sensation de douleur*”, que desperta o desejo de penetrar em um universo que acredita conduzir a “*un autre royaume*” (QUIGNARD, 2002b, p.9), o qual define como “[...] *un monde où les âges ne sont pas égaux, où les sexes ne sont pas indifférents, où les rôles ne sont pas équivalents, où les civilisations ne sont pas confondibles. [...] Il y a un autre monde.*” (QUIGNARD, 2002b, p.66). A leitura parece desencadear uma errância entre os labirintos do conhecimento, no qual a voz narrativa desvela, no cruzamento de temporalidades e espacialidades diferentes, as sombras da civilização humana: “[...] *il y a dans lire une attente qui ne cherche pas à aboutir. Lire c’est errer. La lecture est l’errance.*” (QUIGNARD, 2002b, p.53). O narrador parece atuar como um leitor de sombras, restos, traços, realizando uma espécie de arqueologia do saber.

Para tanto, *Les ombres errantes* é estruturado por meio de inúmeros fragmentos, que fornecem um aspecto lacunar, inacabado e aberto, no interior do qual se encadeiam pequenas narrativas, uma espécie de *mise en abyme* de fragmentos, que retomam tanto um passado distante quanto imediato, uma vez que para o narrador, “[...] *le passé le plus lointain est le plus dense de l’énergie de l’explosion. Tout souvenir intense approche de la force.*” (QUIGNARD, 2002b, p.15). As lembranças dos conhecimentos apreendidos do patrimônio cultural escrito, arquivadas na memória, são evocadas em *Les ombres errantes* para construir os fios narrativos, alternando-se em meio às reflexões da voz poética, que envolvem o antigo império chinês, especialmente o imperador Qin Shi-Huang, fundador da dinastia Qin por volta de 221 a.C.; o início da Idade Média, durante a guerra entre os francos e romanos, quando o rei romano Syagrius (430-486) é derrotado, o que inicia o processo de unificação da Gália sob a liderança de Clovis (466-511), o primeiro rei católico da França, de 395 a aproximadamente 486 d. C.; os antecedentes e a noite de Saint-Barthélemy (1572); a Querella entre os jansenistas e os jesuítas ao final do século XVI e início do século XVII, em Port-Royal des Champs, no qual se enfocam, principalmente, fatos da vida do abade de Saint-Cyran (1581-1643).

No século XX, o narrador cita acontecimentos da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, com referências, inclusive, ao bombardeio de Pearl Harbor, no Havai, em 7 de dezembro de 1941, e a eventos menos conhecidos como a fundação do jornal *Combat* (1936) por Thierry Maulnier. Além disso, comenta também fatos mais recentes como os atentados de terroristas muçulmanos ocorridos em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, contra as torres do *World Trade Center*. Temos ainda reflexões sobre fatos diversos como uma carta que Charlotte Brontë teria escrito a sua irmã, a escritora Emily Brontë, discussões sobre arte e sobre a situação política e a economia da sociedade pós-industrial.

Portanto, os fragmentos oscilam do passado ao presente, de modo a embaralhar as temporalidades, que se alternam aleatoriamente entre os diversos capítulos, fazendo com que os eventos abordados pelas pequenas narrativas adquiram também o aspecto descontínuo. Neste movimento, a voz narrativa efetua inúmeras errâncias, onde perambula por espaços e épocas diferentes, recortando os acontecimentos esquecidos, sombras ou restos, que são redescobertos e em seguida apropriados pela reflexão crítica. Como o presente possui um aspecto negativo, a voz narrativa o aproxima, por exemplo, do clima criado na época das guerras de religião entre católicos e protestantes, que culminaram na famosa noite de Saint Barthélemy, em 23 de agosto de 1572, quando milhares de protestantes foram mortos em nome de uma fé que se perdia no jogo político de poder:

[...] nous **vivons** en 1571. **Une atmosphère** de Saint-Barthélemy hante les banlieues. **Les guerres de religion recommencent**. La démocratie est une féroce religion protestante. L'Islam est une terrible religion sexuelle. Il n'y a jamais eu autant de mythes, concurrences de mythes durant l'histoire humaine, que maintenant: Femme divinisée. Mort adorée. Démocratie plus violente et plus inégalitaire qu'au temps de Périclès. Guerre du sujet contre lui-même dans la névrose qui n'est que le récit secret de l'assujettissement. Fétichisme technicien. Jeunisme grégaire sauvage. Pis que sauvage: dédomestiqué, psychotique. (QUIGNARD, 2002b, p.23-24, grifo nosso).

Ora, passado e presente coexistem e formam uma única temporalidade, porque segundo o pensamento de Quignard, “[...] *l'histoire est une suite de prompts intrigues qui se répètent sans finir en criant [...]*” (QUIGNARD, 2002b, p.73-74); por isso, retoma as pequenas intrigas ou narrativas, que unidas por traços comuns, permitem recriar a “história” ao transformá-la em ficção: as anedotas relacionadas, por exemplo, com a vida de Saint-Cyran saem da especulação histórica e se tornam ficção pelo trabalho da reflexão e da imaginação.

Podemos dizer que o conjunto de fragmentos que compõe *Les ombres errantes* parece formar uma estrutura em mosaico, em que cada uma das pequenas narrativas constitui parte integrante de uma narrativa maior, que perpassa o

texto a partir da unidade efetuada pela voz narrativa. Uma das características da estrutura em mosaico é apontar para o caráter de incompletude, que tende a expor a descontinuidade das junções entre seus elementos, ressaltando a fragmentação e a decomposição. Fragmentação e decomposição parecem permear não apenas a organização temporal, mas também a espacialidade e a voz narrativa nessa obra de Quignard.

Ao nutrir-se de fragmentos, *Les ombres errantes* questiona a noção de obra e expõe o próprio trabalho do escritor. Em seu ensaio crítico acerca do fragmento, *Une gêne technique à l'égard du fragment* (QUIGNARD, 1986), Quignard comenta que a obra de La Bruyère, *Caractères*, o qual considera o primeiro texto fragmentado da tradição literária, é um “*travail de relecture*” de frases lidas ou ouvidas, o que desvela a própria técnica de escritura quignardiana: “*Je prête l'oreille à un son qui est très loin dans le temps. Je lis [...]*” (QUIGNARD, 1986, p.71). É este o processo de escritura de *Les ombres errantes*, pois o narrador realiza um verdadeiro trabalho de releitura do passado humano, utilizando alguns eventos específicos, já discutidos, que se inscrevem na História como “sombas”, resgatadas pelas errâncias do narrador. Neste sentido, algumas obras parecem ter fornecido o material de seus conhecimentos, como a *Histoire des Francs* (576-591), de Grégoire de Tours e o *Agustinus* (1640), de Cornélius Jansénius. No entanto, é em uma partitura para cravo, *Ombres errantes* (1730), de François Couperin, que Quignard encontra o título de seu texto, *Les ombres errantes*.

De acordo com Quignard, ainda no ensaio citado acima, o autor de obras fragmentadas é um iconoclasta, porque rompe com as imagens estabelecidas pela tradição, um *phonoclastra*, na medida em que quebra a harmonia da voz narrativa e um *logoclastra*, ao transcrever pedaços de pensamentos não articulados. De fato, em *Les ombres errantes*, Quignard rompe com a matriz romanesca, forma consagrada pela tradição literária nos dois últimos séculos, ao adotar uma estrutura narrativa fragmentada, que expressa as reflexões descontínuas de uma interioridade, dividida entre o passado e o presente, os eventos históricos, pessoais e imaginários. Estas rupturas refletem o desejo do autor de “*déprogrammer la littérature*”, projeto que define, em 1989:

A chaque écrivain qui me dit: “On ne peut plus écrire comme cela. On ne peut plus mettre de nos jours des guillemets. On ne peut plus en 1989 employer l'imparfait!”, je réponds: “Vous vous protégez beaucoup trop. Vous aimez trop les conventions, les stéréotypes, les idées, les peurs, les lois. Ne songez plus qu'à l'énergie, au détail sans raison, au jeu.” A l'œuvre fragmentée, trop maîtrisée, froide, propre, intellectuelle, à la mort, il faut peut-être préférer l'œuvre longue, l'œuvre qui passe la capacité de la tête, l'œuvre où on perd pied, plus fluide, plus sale, plus primaire, plus sexuelle, l'œuvre au cœur de laquelle

on ne sait plus très bien ce qu'on fait. On raconte que les deux premières peurs, pré-humaines, ont trait à la solitude et à l'obscurité. Nous aimons pouvoir faire venir à volonté un peu de compagnie et de lumière feintes. Ce sont les histoires que nous lisons et que nous tenons le soir dans nos mains. Dans le dessein de conserver cette douceur sans nom qu'est l'art, nous avons besoin que la mort et ses formes se retirent. Nous avons besoin de cesser de rationaliser, de cesser d'ordonner ceci, de cesser de s'interdire cela. Ce dont nous avons besoin, c'est qu'un peu de lumière neuve vienne tomber de nouveau, comme un "privilège", sur les "sordidissimes" de ce monde. Ce dont nous avons besoin, c'est d'une déprogrammation de la littérature. (QUIGNARD, 1989, p.78).

Sua escritura liberta-se, então, dos gêneros literários para se situar em um espaço indeterminado do desapareço à forma romanesca. Questionado, em uma entrevista de 1998, concedida a Cathérine Argand para a revista *Lire*, “[...] *cet abandon des formes classiques – du roman, notamment – est-il irréversible?*”, afirma:

Dans ma tête, oui. [...] Je ne supporte pas le fait qu'il y ait des domaines réservés. Pourquoi ne pas profiter de tout? Je crois que de respecter seulement quelques genres littéraires, la fiction, l'essai à une thèse unique, appauvrit la vie, la pensée, le regard qu'on peut avoir sur soi comme sur la société dans laquelle on vi. (QUIGNARD, 1998).

Nascidas na interioridade, as reflexões do narrador já se colocam sob o desregramento do funcionamento do pensamento e da imaginação, exteriorizando uma escritura que rompe com o encadeamento ordenado da frase, joga com os espaços brancos da página e se torna repetitiva, isto é, a prosa se transforma em poesia. Desta forma, observamos a repetição de palavras que determinam o encadeamento sonoro, como no fragmento: “[...] *qui n'aime ce qu'il a aimé? Il faut aimer le perdu et aimer jusqu'au jadis dans le perdu. Jusqu'au jardin dans l'extinction de la nature et jusqu'au Paradis dans le jardin. Il faut aimer le manque et non pas chercher à s'émanciper de lui. [...] Il faut adorer le temp.*” (QUIGNARD, 2002b, p.24, grifo nosso). Notamos a repetição do verbo *aimer* e do adjetivo *perdu*, a aliteração entre *jusque, jadis, jardin*, bem como as construções *il faut* e *jusqu'au/dans* que seguem um ritmo binário como denota a frase “[...] *jusqu'au jardin dans l'extinction de la nature et jusqu'au Paradis dans le jardin [...]*”, que combina duas seqüências paralelas. Estas estruturas aparecem em inúmeros fragmentos como,

Il faut renoncer à l'idée de liberté afin de désobéir encore. Il faut renoncer à l'idée de liberté en sorte de s'émanciper encore. Il faut détester le maintenant, ce qui s'accroche dans le maintenant, ce qui prétend maintenir la réalité et la tension des forces qui l'arriment [...] il ne faut jamais sortir de jadis, du corps, de sa joie, du péché, de la génitalité, du silence [...]. (QUIGNARD, 2002b, p.24, grifo nosso),

onde percebemos o paralelismo entre “*il faut renoncer à l'idée de liberté [...] encore?*” / “*il faut/ il ne faut jamais*” e a aliteração entre *maintenant* e *maintenir*. Em algumas

frases a repetição sonora tende a determinar um deslizamento entre o sentido das palavras, “[...] *voilà ce que j’ai fait: le travail du langage pesant, pensant, penchant, dépensant lui-même.*” (QUIGNARD, 2002b, p.18). Além disso, podemos encontrar em *Les ombres errantes* várias comparações e metáforas, como no trecho “[...] *la mer était sans écume, lissée, extrêmement brillante, resplendissante. Chaque vague était comme une grande tuile d’or qui s’élevait, qui avançait.*” (QUIGNARD, 2002b, p.72, grifo nosso), em que as ondas do mar são metaforicamente aproximadas de telhas de ouro, pois à semelhança da telha que recobre a casa, as ondas do mar vão lentamente avançando e recobrando as areias da praia.

Além disso, a voz narrativa parece identificar-se com elementos da biografia do autor, introduzida de forma explícita em um dos fragmentos,

Pourquoi un jour d’avril 1994 alors qu’il faisait beau, alors que le soleil éblouissant, alors que je sortais du Louvre, ai-je soudain hâté le pas? Un homme qui hâte le pas traverse la Seine, il regarde sous les arches du Port-Royal l’eau entièrement couverte d’une étincelante blancheur, il voit le ciel tout bleu au-dessus de la rue de Beaune, il pousse en courant une grosse porte en bois rue Sébastien-Bottin, il démissionne d’un coup de toutes les fonctions qu’il exerce. (QUIGNARD, 2002b, p.152, grifo nosso).

Na verdade, Quignard pede demissão do cargo de secretário geral do serviço literário das Edições Gallimard, em 1994. Demitir-se de seu cargo junto à Gallimard parece representar a liberdade em relação aos papéis sociais e aos mecanismos impostos pela rotina do trabalho, alcançando a independência, para se dedicar solitário à escritura:

[...] j’ai quitté mon métier d’éditeur chez Gallimard, essayé de mener une vie plus authentique, plus refermée, plus secrète. Je crois qu’il m’a fallu le sacrifice d’une démission avec l’inquiétude que cela entraîne pour pouvoir ressentir toute l’excitation de l’indépendance. Je craignais de devenir fou en n’étant plus rattaché à des horaires et à des lieux. (QUIGNARD, 1998a).

Podemos talvez falar em uma espécie de desprogramação do “eu”, na medida em que o autor rompe com um dos principais mecanismos do sistema da sociedade pós-industrial.

Em uma outra entrevista à revista *Lire* concedida também à Catherine Argand, mas na época da atribuição do Goncourt à *Les ombres errantes*, da qual retiramos a citação acima, Quignard confessa sua relação pessoal com a obra:

Les ombres errantes sont le livre qui contient le plus d’implications biographiques. Il est important pour moi qu’une pensée soit totalement impliquée dans la vie que l’on mène. Une errance ne commence que lorsque l’on quitte le parcours prémédité. [...] Dans ce livre, j’exprime clairement ma volonté par

rapport au monde contemporain de créer un ermitage et d'y louer l'insécurité de penser alors que les sociétés dans lesquelles nous vivons prônent l'inverse. (QUIGNARD, 2002d, grifo do autor).

Assim, procura captar as sombras da história e da tradição humana, que expressam acontecimentos esquecidos pela civilização globalizada pós-industrial, mas que denotam, segundo Quignard, uma certa comunicação com as situações observadas no presente, como por exemplo, o que chama de “retorno da fé”. Quignard tenta comprovar esse “retorno da fé” comparando vários períodos históricos: a situação produzida com a conversão de Clóvis ao catolicismo após a destruição do Império romano na Gália, o Jansenismo e as lutas religiosas na França dos séculos XVI e XVII e até mesmo os atentados terroristas de fanáticos mulçumanos nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001:

Si quelque chose venait de rien, on verrait sans cesse surgir de la mer ou du ciel des êtres effrayants, des femmes qui hurlent, des guerriers muets, des tanks, des dragons, des oiseaux, des serpents. Nous les voyons. Nous vîmes soudain surgir du ciel des avions qui se dirigeaient vers des tours, vers des symboles, vers des trésors. (QUIGNARD, 2002b, p.87, grifo nosso),

e ainda, “[...] **explosion de mort dans le ciel bleu, à l'œil nu, le mardi 11 septembre 2001, au-dessus de la ville de New York.**” (QUIGNARD, 2002b, p.88, grifo do autor). Esses eventos parecem aproximar-se por expressar uma exacerbação da fé e um fortalecimento do poder político por meio da religião:

La même situation s'est produite à la fin de l'Empire romain: pour contrer le retour du monothéisme religieux et de la pacification impériale, de nombreux ermitages furent créés. Les valeurs qui reviennent sont toutes celles que je déteste: le retour de la foi me terrifie. Je suis aussi désespéré de voir mes propres amis devenir croyants et doctrinaires. Nous vivons en 1571. (QUIGNARD, 2002d).

No entanto, em *Les ombres errantes*, Syagrius e Saint-Cyran retiram-se da sociedade em meio aos problemas religiosos e à guerra, refugiando-se temporariamente nas sombras para dedicar-se sobretudo à leitura solitária, pela qual atingem um “*autre royaume*”, ou seja, o reino da imaginação. A leitura pode tornar-se, segundo o pensamento do autor, um refúgio das situações adversas ao libertar a imaginação, ao mesmo tempo em que fornece elementos para se refletir e compreender melhor a própria sociedade atual.

Podemos concluir que Quignard estrutura *Les ombres errantes* como uma narrativa híbrida fragmentada, de prosa e de poesia, em que retoma de forma original o passado, por meio do patrimônio cultural acumulado, utilizando-o para questionar o caos da sociedade pós-industrial. Em *Les ombres errantes*, Quignard rompe com a matriz romanesca e coloca em questão as formas

literárias consagradas. Entretanto, tais rompimentos não impedem que a obra seja premiada com o Goncourt, prêmio atribuído pela Academia do Goncourt ao melhor romance do ano, o que parece testemunhar uma ampliação do campo romanesco ao final do século XX e que uma obra pode ser reconhecida pela sua capacidade de secessão.



Pascal Quignard's hybrid writing in Les ombres errantes

ABSTRACT: *Some of the works of Pascal Quignard, considered unclassifiable by the French literary criticism, break free from gender imposition to place themselves in the borders of prose, poetry, novel, narrative, essay, and music, to form hybrid narratives that privilege the fragmented and the unfinished. Thus, Pascal Quignard's Les ombres errantes (2002), presents many fragments, made of by little notes, personal confidences, anecdotes, comments about art, politics, economy, etc., that are a bridge between the past and the present through a poetic voice, in order to rescue the shadows that cultural tradition relegated. In Les ombres errantes, prose and the poetry mix in a hybring, where the story and the imagination intersected in a fragmented text.*

KEYWORDS: *Contemporary literature. French literature. Hybrid narrative. Pascal Quignard.*

REFERÊNCIAS

QUIGNARD, P. **Dernier royaume:** les paradisiques. Paris: B. Grasset, 2005a. v.4.

_____. **Dernier royaume:** sordidissimes. Paris: B. Grasset, 2005b. v.5.

_____. **Dernier royaume:** abîmes. Paris: B. Grasset, 2002a. v.3.

_____. **Dernier royaume:** les ombres errantes. Paris: Gallimard, 2002b. v.1.

_____. **Dernier royaume:** sur le jadis. Paris: B. Grasset, 2002c. v.2.

_____. Entretien avec Pascal Quignard par Catherine Argand. **Lire**, Paris, sept. 2002d. Disponível em: <<http://www.lire.com.fr/entretien.asp/idC=43001/idTC=4/idR=201/idG>>. Acesso em: 10 mar. 2006.

_____. Entretien avec Pascal Quignard par Catherine Argand. **Lire**, Paris, févr. 1998a. Disponível em: <<http://www.lire.fr/entretien.asp/idC=33597/idTC=4/idR=201/idG>>. Acesso em: 10 mar. 2006.

Érica Milaneze

_____. **Vie secrète**. Paris: Éditions Gallimard, 1998^B. (Collection Folio).

_____. La déprogrammation de la littérature. **Le Débat**, Paris, n.54, p.77-88, mars/avril 1989.

_____. **Petits traités**. Paris: Éditions Gallimard, 1987. (Collection Folio).

_____. **Une gêne technique à l'égard du fragment**. Paris: Fata Morgana, 1986.

VIART, D. Les "fictions critiques" de Pascal Quignard. **Études Françaises**: Pascal Quignard, ou le noyau incommunicable, Montréal, v.40, n.2, p.25-37, 2004. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/etudfr/2004/v40/n2/008807ar.html>>. Acesso em: 16 dez. 2005.